

**O tempo da escola e o tempo do homem:
uma aproximação mediada pelo elearning**
**The time of school and the time of man:
an approach mediated by elearning.**

José Rui Santos

LE@D, Universidade Aberta
jrs.univ.ab@gmail.com

Celestina Silva

Professora na Escola Secundária de Paços de Ferreira
celes.gomes@gmail.com

Andréa Silva

Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância - NEaD-FESPSP
andreacsil@gmail.com

Ricardo Oliveira

LE@D, Universidade Aberta
jricardol.uab@gmail.com

Resumo

O ritmo acelerado e frenético com que hoje se vive, a sociedade cada vez mais exigente, egoísta e distante do humanismo pré-Era Industrial que parece ter ficado definitivamente amarrado nesse longínquo passado, não permitem ao homem dispor do seu tempo como o fazia outrora. As exigências da Sociedade da Informação são profundamente seletivas e ao homem pouco mais resta senão aprender para continuar *incluído*. Mas como aprender se a própria sociedade não lhe dá tempo para isso? Na verdade, o tempo da escola já pouco ou nada se coaduna com o tempo do homem e este vê-se obrigado a procurar novas formas, novos modelos, para aprender. É para este homem que o elearning se constitui como resposta às suas necessidades de formação e aprendizagem ao longo da vida. É de elearning e da aproximação do tempo da escola ao tempo do homem que ele permite, que se fala neste artigo.

Palavras-chave: *elearning; tempo; aprendizagem ao longo da vida.*

Abstract

The speedy and frantic rhythm linked to a more selfish and demanding society, distant from the humanism of pre-industrial era, which has definitely disappeared, doesn't allow man to arrange his time in the same manner. The demands of the Information Society are so deeply selective that there is not any other possibility left to man than learning in order to keep being part of society. But, how can man learn if society itself does not give him enough time to do so? In fact, the time of school has very little to do with man's time (the time one has available) and this leads him to look for new ways, new models in order to learn. Therefore, e-learning becomes an answer to the demands of formation and lifelong learning of this man who lives in this new demanding and constantly changing society. Thus, this article focus on e-learning and the its advantages towards bridging the gap between the time of school and the time man has available.

Keywords: *elearning, time, lifelong learning.*

Introdução

A sociedade em que vivemos não permite grandes veleidades ao homem no que respeita às exigências que lhe coloca ao nível do conhecimento e de competências. Estas, por sua vez, são cada vez em maior número, mais complexas e mais volúveis. Do homem espera-se, hoje, uma

atualização do saber e das competências em regime permanente, rompendo com o paradigma tradicional que tendia a dividir a vida de cada um em fases distintas de aquisição de conhecimentos, trabalho e reforma. Aprender é, agora, um processo que tem origem na infância com a pré-escolaridade e que continua na fase pós-reforma. Surge, assim, o enquadramento para uma aprendizagem ao longo da vida que tem como objetivo não só a empregabilidade, a inclusão social e a natureza do trabalho, como também o desenvolvimento individual e o exercício de uma cidadania ativa.

Mas hoje vive-se, também, numa sociedade em que a progressiva individualização impele o cidadão a chamar a si a responsabilidade de construção do seu próprio caminho, lidando com a informação de uma forma crítica e reflexiva, tomando-a como elemento central de toda a atividade humana (Castells, 2001), o que se traduz na sua capacidade para aprender a partir das suas próprias experiências e de reagir às novas situações e oportunidades. A aprendizagem ao longo da vida, que se exige ao homem das sociedades contemporâneas, configura-se num modo próprio de aprender: a autoaprendizagem. A autoaprendizagem e a descoberta, *forma poderosa de actividade intelectual* (Johnson, 2006), dominam o panorama contemporâneo.

Num tempo em que parece que o homem não tem tempo, como resolver o conflito entre a necessidade individual de formação e aquilo que a escola, instituição tradicional, oferece? Como compatibilizar o tempo da profissão, o tempo social e da família, enfim, o tempo da vida, com o tempo da escola? Como voltar à escola onde o tempo se incompatibiliza com o tempo da profissão?

O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação registado, sobretudo, no final da segunda metade do século XX veio criar as condições que haveriam de possibilitar o ambiente ideal a uma aprendizagem ao longo da vida, uma aprendizagem dirigida a partir do próprio sujeito que aprende e, finalmente, uma aprendizagem que consegue ultrapassar os condicionalismos temporais colocados pelo modelo tradicional de ensino localizado na instituição física que é a Escola. Estamos a referir-nos ao aparecimento da Internet que viria a concretizar um modelo de ensino-aprendizagem por via eletrónica que se desenvolve para além dos condicionalismos temporais e espaciais.

Ao mesmo tempo que cria as condições que permitem e facilitam um processo de autoaprendizagem ao longo da vida, o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação convida a realizar uma reconfiguração do processo de aprendizagem. Podemos dizer que a aprendizagem deixou de ser um processo apenas cognitivo e individual para passar a ser um processo social, um processo que pressupõe a existência de uma rede de comunicações dirigidas a partir de uma pluralidade de centros pró-ativos, constituídos por

cada um dos alunos que aprende e que, a partir de si, cria uma rede de interações entre professor e outros alunos e comunidades virtuais. Esta rede promove a cooperação necessária à construção do conhecimento e portanto da aprendizagem que se desenvolve num contexto de comunidade virtual.

1. O contributo do elearning na aproximação do tempo da escola ao tempo do homem

O tempo faz parte integrante do modo de ser do homem. Heidegger (1980)¹ definiu a temporalidade como intrínseca à natureza humana e, por isso, parece-nos legítimo afirmar que com este filósofo o tempo se torna humano.

É possível traçar uma história sobre o entendimento acerca do tempo, história que se torna pertinente abordar aqui, uma vez que é nela que radica o tempo de escola, o tempo do homem e a aproximação de um a outro, possibilitada pelo elearning.

Com Platão o tempo ganha uma dimensão ontológica quando o fundador da Academia de Atenas considera que o cosmos tem um tempo que é uma imagem em movimento da eternidade do tempo extracósmico². Com Newton, no século XVIII³, o tempo do cosmos torna-se absoluto e considera-se que é algo que existe fora do homem. É esta ideia de um tempo fora do homem que Kant critica. Para este filósofo, o tempo não existe em si, nem é inerente às coisas, o tempo é uma estrutura subjetiva, como escreveu Kant (1985). É deste autor que a modernidade é devedora na sua forma de perceber o tempo: o tempo visto como estrutura subjetiva em função da qual os acontecimentos são organizados num espaço temporal.

Na Escola ocorrem acontecimentos que, no caso português, a Administração Central organiza, entenda-se distribui, em função de uma conceção temporal *a priori* e universal. Deste modo, as cores com as quais a realidade surge pintada ficam sob um mesmo véu, igual para todos: o ano escolar; a distribuição dos tempos letivos; as dimensões dos tempos letivos; e as orientações programáticas acompanhadas dos tempos letivos dedicados ao tratamento de cada um dos conteúdos, são exemplos de uma organização temporal que é estabelecida de cima para baixo e onde as diferenças não são referenciadas. O tempo escolar torna-se num tempo homogéneo e universal (Moura, 2009), igual para todas as escolas, para todos os professores e

¹ O Ser e o Tempo, editado pela primeira vez em 1927.

² Como surge na obra *Timeu*, escrita em 360 a.C.

³ 1643-1728.

para todos os alunos, não se tendo em conta a temporalidade específica que é característica de uns e de outros.

Deste modo, o tempo escolar divorcia-se do tempo humano e torna-se num elemento gerador de exclusão social, traduzida na forma de abandono, de abstenção e até de insucesso escolar, quer a nível dos alunos quer a nível das famílias (Moura, 2009). Na verdade, divorciado da temporalidade constitutiva do aluno, o tempo escolar divorcia-se do tempo social, exigindo das famílias uma complexa rede de reorganização da sua vivência de modo a conciliar-se com o tempo da escola (Moura, 2009).

O desfasamento do tempo escolar em relação ao tempo do homem e ao tempo do mundo constitui-se também como um dos grandes obstáculos a nível da formação e aprendizagem ao longo da vida. É neste contexto que o elearning enquanto modalidade de ensino e de aprendizagem, desempenha um papel privilegiado, permitindo ligar o tempo do mundo ao tempo escolar.

2. Ensino a distância: do tempo dos serviços postais ao tempo do elearning

O ensino a distância instituiu-se como uma alternativa ao ensino tradicional fortemente condicionado pelo tempo e pelo espaço. Olhar a história do ensino a distância da perspetiva do tempo permite perceber a importância que a sua modalidade mais recente, o elearning, pode ter na aproximação do tempo da escola ao tempo do homem.

Desde o tempo em que o ensino a distância se limitava a cursos por correspondência unidirecional, em que se enviavam livros por correio e se esperava que o aluno estudasse e aprendesse (Neves, 2009) ao elearning, um longo caminho foi percorrido. Alguns autores identificam esse caminho considerado a existência de gerações no desenvolvimento do ensino a distância (Bates, 1995; Garrison, 1985; Nipper, 1989).

Repare-se que o uso do termo gerações não é ingénuo; com ele pretende-se dar conta de um modo de desenvolvimento que se processa pela introdução de inovação tecnológica e pela permanência de modelos tecnológicos anteriores que não foram excluídos (Gomes, 2003).

Garrison (1985) apresenta três gerações para dar conta da evolução do ensino a distância. Iremos perspetivar cada uma a partir da sua relação com o tempo.

A primeira geração – fase do ensino por correspondência – cujo surgimento Garrison localiza por volta de 1833, data do primeiro registo de uma publicidade a situações de ensino a distância, é uma geração que combina a palavra escrita e o uso do correio postal e que possibilita a aproximação do tempo de escola ao tempo do homem que aprende. Podemos falar de uma emancipação do tempo de aprendizagem que deste modo se liberta do tempo de

uma instituição onde se realiza o ensino e que está espacialmente localizada e é regulada por um tempo próprio.

Emancipado de uma instituição, o tempo, nesta primeira geração da evolução do ensino a distância, fica, contudo, refém dos serviços postais porquanto há um grande desfasamento temporal entre aquele que aprende e aquele que ensina.

A segunda geração é apontada por Garrison (1985) como a geração da telecomunicação. É a fase em que as tecnologias de comunicação, como o telefone e a teleconferência (áudio e vídeo) são usadas para estabelecer a ligação entre o ensino e a aprendizagem. Nesta fase, o ensino a distância coloca frente a frente os dois tempos: o tempo de escola e o tempo do homem. O ensino a distância conquista a simultaneidade, a sincronia, pelo recurso ao telefone e às teleconferências, áudio ou vídeo. Contudo, ainda não ganhou a flexibilidade: o tempo vital tem que se adaptar ao tempo de aprendizagem uma vez que um recurso como a teleconferência só está disponível em determinados locais e a determinadas horas (Gomes, 2003).

Tendo assistido à fase inicial do desenvolvimento do computador, Garrison (1985) não hesita em considerá-lo um meio privilegiado a ser usado no ensino a distância. A terceira geração do desenvolvimento do ensino a distância é, pois, a geração do computador. Este autor salienta as vantagens que decorrem do “ensino assistido por computador” nomeadamente a possibilidade de permitir uma interação simulada através de *software* de computador adequado. Deste modo são ultrapassados os constrangimentos decorrentes da limitação temporal ou física dos professores para interagirem com os alunos. A evolução das tecnologias envolvidas no estabelecimento de comunicações através de redes de computadores permitirá, ao computador, revelar as suas verdadeiras potencialidades e tornar possível, ao ensino a distância, conquistar a flexibilidade do tempo.

Fundado nas possibilidades proporcionadas por este desenvolvimento, concretamente, pelo aparecimento da Internet, o elearning permite a concretização de novos espaços de aprendizagem, espaços virtuais, que deixam de estar ligados a uma estrutura espacial e que têm no utilizador, entenda-se o indivíduo, a sua referência. Com o elearning o ensino a distância derruba as barreiras temporais. É possível aprender sem limitações de horário e de espaço físico, possibilitando um sistema de aprendizagem flexível e individualizado. É este carácter flexível e individualizado do elearning que convém salientar de um modo incisivo.

3. O elearning como ponte entre o tempo da escola e o tempo do homem

Num estudo realizado (Goulão, 2010), a flexibilidade do tempo de aprendizagem revelou ser o fator mais importante que influenciou a escolha por esta forma de ensino. Baseado num diálogo entre professor e aprendiz, onde não há partilha de um espaço físico e onde o tempo, por vezes, não coincide, o elearning permite que os condicionalismos associados ao exercício de uma profissão e à vida familiar, sejam ultrapassados. É assim possível proceder a uma conciliação entre o tempo de escola, neste contexto entendido como tempo de aprendizagem, e o tempo do mundo, conciliação que o ensino tradicional, de carácter presencial, não permite concretizar, mesmo quando se procura estender para além do horário pós-laboral.

O elearning permite a criação de outra ponte a ligar os dois tempos, ao revelar-se como uma modalidade de ensino que favorece o conceito da autoaprendizagem.

Modo privilegiado de aceder ao conhecimento, a educação é, nos dias de hoje, conduzida ao centro da vida da sociedade (Carvalho, 2006), que exige do indivíduo qualificação, atualização e reconversão permanentes. No domínio da educação espera-se dos indivíduos que se tornem eternos alunos (Selwyn, 2008). A escola, enquanto instituição tradicional, revela-se incapaz de corresponder a estes desafios (Goulão, 2011) e deste modo os indivíduos procuram novas formas de aprender, uma vez que os conteúdos deixaram de ser o mais importante, para se valorizar a preparação do sujeito para, de maneira pertinente e eficaz, responderem às novas exigências (Goulão, 2011).

A autoaprendizagem é entendida como modo de aprendizagem no qual aquele que aprende é um ator participante e ativo, simultaneamente sujeito da aprendizagem e objetivo da aprendizagem. Deste modo, a autoaprendizagem sustem-se no ritmo próprio daquele que aprende, bem como nos condicionalismos evidenciados pelo aprendiz. O conceito de autoaprendizagem significa a assunção da aprendizagem como algo de pessoal (Goulão, 2011) e tornou-se no modo de aprendizagem que melhor se adapta às exigências colocadas pelas sociedades contemporâneas.

O elearning fomenta a autoaprendizagem e pode dizer-se que esta é intrínseca à sua natureza e enquanto tal proporciona uma verdadeira e natural adequação entre o tempo da escola e o tempo do mundo.

4. O papel do professor/tutor na aproximação desejada do tempo da escola ao tempo do homem.

Ponto de chegada do desenvolvimento tecnológico associado sobretudo à Internet e ao serviço Web, o elearning veio trazer ao ensino a distância uma nova fase de evolução na qual a comunicação e a interação se tornam componentes essenciais, conduzindo a uma reconfiguração do processo pedagógico. É sobre esta reconfiguração que vamos refletir analisando a sua especificidade e colocando em evidência a questão do tempo que tem sido o nosso tema transversal.

O processo de aprendizagem é um processo individual. Contudo a sua vivência no contexto do elearning leva-o a assumir uma dimensão social de interação e comunicação. Podemos falar a este respeito de uma aprendizagem colaborativa que Morgado (2001) considera ser característica do ensino *online*. A aprendizagem colaborativa tem como pressuposto estruturante o facto de os indivíduos trabalharem em conjunto, com objetivos e valores comuns, colocando as competências individuais ao «serviço» do grupo, fazendo com que o indivíduo beneficie do apoio e da retroação de outros indivíduos durante o processo de aprendizagem. Surge o conceito de comunidade de aprendizagem.

As comunidades de aprendizagem surgem contextualizadas num cenário designado por sala virtual entendido como um espaço virtual de ensino-aprendizagem. Como curiosamente refere Morgado (2003), a criação de comunidades de aprendizagem, bem como a de sala de aula virtual, indiciam uma inversão das primeiras gerações do ensino a distância. Com efeito, se as primeiras gerações significaram uma espécie de individualização do processo de aprendizagem e uma desintegração da sala de aula, agora os indivíduos são «convidados» a aprender na e com a colaboração – comunidade – e a retornar à sala de aula, agora uma sala de aula virtual.

Importa referir que a sala de aula virtual não é uma cópia da sala de aula presencial e não o é quer pela sua natureza quer por aquilo que nela ocorre. Com efeito, a virtualidade opõe-se à realidade. A sala virtual não é uma sala real, não tem um espaço real que a sustente, ainda que seja sustentada por entidades físicas, nem um tempo real no qual decorrem os acontecimentos que nela têm lugar. A sala de aula virtual existe num espaço e num tempo virtuais e é nela que tem lugar a interação, fundamento da aprendizagem. Esta interação também assume contornos específicos: é uma interação que se baseia na escrita, independente do tempo e do espaço e que ocorre a partir de uma comunicação de muitos-para-muitos. Podemos dizer que na sala virtual o tempo daquele que aprende, sendo um tempo individual, fica registado num tempo-de-sala-virtual, acessível pelo outro, a partir de um tempo individual.

A gestão de um processo de ensino-aprendizagem, que deixou de ser individualizado para passar a ser social e onde confluem as mensagens escritas em tempos diferentes, vem chamar a atenção para a necessidade e importância do professor, aqui no papel de tutor, aquele a quem

vai caber a função de facilitador e guia do processo de aprendizagem, ligando a comunidade de aprendizagem virtual e o indivíduo. Por outras palavras, ligando o tempo virtual ao tempo do homem.

Num ensino em que cada um constrói o seu próprio conhecimento, não dispensando porém a necessidade do professor (Santos, 2010), a figura do tutor, importada do ensino presencial, assume uma dimensão inovadora a nível do ensino a distância: o tutor facilitador da aprendizagem. Morgado (2003) refere que é a ele que compete fazer a mediação entre os conteúdos e o estudante recorrendo às tecnologias. A sua atuação ocorre através de um diálogo individualizado que tem como função estimular, manter o interesse, motivar e apoiar. No fundo cabe-lhe a tarefa de facilitar e guiar a aprendizagem. Com o ensino *online*, o tutor vê acrescentada uma outra função: a gestão de um grupo de aprendizagem e a interação que lhe é inerente, uma interação de um-para-muitos e de muitos-para-muitos, que decorre de um modo assíncrono (Morgado, 2003).

Enquanto facilitador e guia do processo de aprendizagem que ocorre num contexto de comunidade de aprendizagem, ao tutor cabe proceder a um retorno ao indivíduo, *encarado como um sujeito activo, um processador e construtor de conhecimento, possuidor de esquemas, estratégias e planos para aprender e solucionar os problemas com que se depara* (Santos, 2010, p. 36). Ao tutor cumpre articular o tempo virtual e aquilo que nele decorre, ao tempo do indivíduo, que é o tempo da sua aprendizagem.

5. A atemporalidade da interatividade em elearning

Na tarde de sábado, dia 28 de março de 2009, às 12 horas, na cidade de Guarulhos, em São Paulo, Bruno da Costa Corrêa, trajando jeans e camiseta branca teletransportou-se para a ilha *Iste*, [onde] acontecia o congresso Virtual Worlds – Best Practices Education. [...] Após as discussões das experiências virtuais apresentadas, passadas quatro horas do início do evento, a mesa encerrou, às 12 horas, a participação do Brasil e de Portugal no evento (Corrêa, 2009, pp. 10-11).

Como vimos ao longo deste artigo, o elearning tem no tempo a sua verdadeira joia da coroa. É a flexibilidade temporal que lhe é intrínseca que leva os indivíduos a escolher este modo ensino e de aprendizagem. Mas tal flexibilidade é, atrevemo-nos a dizer, um efeito de uma outra temporalidade: a temporalidade virtual. Gostaríamos pois de, na parte final deste artigo, propor uma reflexão sobre o significado e o efeito da vivência desta dimensão virtual do tempo.

O episódio relatado no início deste capítulo ocorreu num mundo virtual, portanto num mundo sem qualquer realidade ontológica cuja existência é o resultado das possibilidades

criadas pela tecnologia. Um mundo esvaziado de referência ontológica é um mundo ao qual corresponde um tempo virtual. Se o mundo virtual é um mundo esvaziado de ser concreto, o tempo virtual é um tempo esvaziado do tempo que é próprio da realidade com consistência ontológica. O tempo virtual é um tempo atemporal, um tempo que transcende o tempo dos homens concretos, que irrompe a partir do tempo concreto e que a ele regressa para o encontrar na sua sequência natural.

Deste modo, o tempo virtual permite ao sujeito não só a vivência de experiências, de emoções e de sensações diferentes, como lhe permite, também, que essa vivência seja experienciada de um modo diferente porque incorporadas num tempo que «flui» de um modo diferente.

Poderá a «anormalidade» do tempo virtual, bem como da sua vivência, afetar a vivência normal do tempo?

Aqueles que experienciam frequentemente os mundos virtuais 3D referem que, às vezes, durante o sonho, sentem o tempo como ele ocorre durante a interação em ambientes virtuais, participam de batalhas, conquistam países, recebem quantidades de informações e, simultaneamente, vivem experiências que no espaço-tempo normal exigiriam muito mais tempo. A sensação descrita pode ser explicada pela facilidade que os ambientes virtuais têm em induzir o estado de fluxo (*flow*) que Mattar (2009) explica como um estado de concentração ou completa absorção na atividade ou situação em que está envolvido, e de motivação e imersão total no que está a fazer.

Sendo o elearning um modo de aprendizagem que se processa num tempo e espaço virtuais pode levar-nos a refletir, neste momento, sobre aquilo a que também podemos chamar a atemporalidade do elearning.

A interatividade é o botão propulsor da mudança nos conceitos de distância, da criação de espaços atemporais de aprendizagem. Para Tori (2010) a distância transacional pode ser dividida de acordo com a forma como é percebida, *identificando-se as componentes primárias de distância que podem existir em uma atividade educacional. Essas componentes são: distância espacial, distância temporal e distância interativa* (p. 62).

Geralmente os termos interatividade e interação são utilizados de forma indiscriminada e como sinónimos. Tradicionalmente, quando se faz a diferenciação entre os dois termos relaciona-se a interação com a atividade, onde trocas e experiências recíprocas acontecem entre indivíduos (relação entre pessoas) e interatividade, quando um equipamento ou sistema computacional possibilita a interação (relação pessoa vs. máquina). A utilização de um ou

outro termo ainda é motivo de muitas discussões entre os autores da área do ensino a distância (Mattar, 2009).

A distância temporal que se refere a atividades interativas pode ser utilizada de forma assíncrona ou síncrona. Essas duas formas de interação afetam tanto de forma positiva como negativa o tempo dos alunos. Se por um lado a interação assíncrona, possibilitada por recursos como e-mail e fóruns eletrônicos de discussão, permite ao aluno um tempo maior de reflexão, de ajuste da sua agenda às atividades propostas e um respeito ao ritmo de aprendizagem, por outro lado, e como refere Morgado (2001), pode ser uma das responsáveis pela dificuldade que decorre do elevado número de mensagens e a diversificação de temas e de linhas de discussão, que tornam muito difícil a tarefa de acompanhar as discussões que decorrem em fórum.

Encontramos aqui algo semelhante ao que se passa no domínio dos mundos virtuais onde o tempo se revela elástico permitindo um preenchimento com uma diversidade de experiências, de sensações, de informações.

6. Conclusões

Como deixámos explícito ao longo deste artigo, o tempo que ninguém parece ter para aquela que é uma necessidade básica de subsistência no mercado de trabalho e de inclusão social, pode ser convocado numa nova e emergente modalidade de ensino: o elearning.

O elearning veio permitir ao homem a ligação entre o «seu» tempo e o tempo de Escola, possibilitando-lhe desta forma responder às exigências que lhe são colocadas pelas sociedades dos nossos dias, onde há a necessidade de proceder a uma atualização constante de saberes e competências e, importa referir, onde o desenvolvimento individual e a cidadania se constituem como referências estruturadoras daquilo que cada um é.

Contudo, se a aprendizagem com recurso às tecnologias de informação e comunicação permite ao homem resolver a dissonância temporal entre o tempo da escola e o tempo do homem criando assim um tempo virtual flexível, importa ter presente que este tempo dum ambiente virtual é um tempo próprio. Esta diferença na maior parte dos cursos de elearning não tem sido respeitada. A tendência é desenvolver sistemas baseados no modelo presencial, repetindo em ambiente virtual os ambientes próprios da instituição física que é a Escola. Esta constatação estende-se ao design curricular. O transporte e adequação do modelo de ensino-aprendizagem ao elearning pode revelar-se um *flop* educacional e agravar e distanciar o tempo da escola do tempo do homem.

O elearning tem que reinventar o ensino-aprendizagem, inovando através de um novo design curricular que permita um modelo pedagógico próprio.

É com este alerta que gostaríamos de fechar esta abordagem do elearning perspetivada a partir do tempo.

Referências

- Bates, A. W. (1995). *Tecnology, Open Learning and Distance Education*. Routledge: London and New York.
- Carvalho, A. (2006). Educação, desenvolvimento e aprendizagens novas na Europa: o caso português. *Educação*, n.º 3 (60), 503-523.
- Castells, M. (2001). *Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*. Oxford: University Press.
- Corrêa, B. C. (2009). A construção do conhecimento nos metaversos: educação no second life. Tese de Mestrado em Semiótica, Tecnologias da Informação Comunicação. Universidade Braz Cubas.
- Garrison, D. R. (1985). Three Generations of Technological Innovation in Distance Education. *Distance Education*, 6(2), 235-241.
- Gomes, M. J. (2003). Gerações de inovação tecnológica no ensino a distância. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (1), 137-156.
- Goulão, M. F. (2010). Distance Learning - A Strategy for Lifelong Learning. In *Horizons in Education*. Atenas: Gregory Papanikos & Nicholas Pappas Editores, 55 – 65
- Goulão, M. F. (2011). Estilos de Aprendizagem, ambientes virtuais de aprendizagem e auto-aprendizagem. In Daniela Meláre Vieira Barros (org.), *Estilos de Aprendizagem na Atualidade*, Vol. 1. Lisboa: Universidade Aberta, 124-130.
- Heidegger, M. (1980). *El Ser Y el Tiempo*. Madrid: Ediciones F.C.E.
- Johnson, S. (2006). *Tudo o que é mau faz bem*. Lisboa: Lua de Papel.
- Kant, I. (1985). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mattar, J. (2009). Interatividade e Aprendizagem. In Fredric M. Litto & Marcos Formiga (org.). *Educação a Distância o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Morgado, L. (2001). O papel do professor em contextos de ensino online: problemas e virtualidades. *Discursos*, III Série, n.º especial, 125-138.
- Morgado, L. (2003). Os novos desafios do tutor a distância: o regresso ao paradigma da sala de aula. *Discursos*. Série: perspetivas em educação, 77-89.

- Moura, A. F. (2009). Tempo de escola e tempo de vida. Sentidos do tempo escolar-da exclusão à inclusão. *Medi@ções, Revista OnLine*, Vol. 1, n.º 1, 6-21.
- Neves, I. (2009). A História da Educação a Distância no Mundo. In Fredric Litto e Marcos Formiga (orgs.), *Educação a Distância. O Estado da Arte*. São Paulo: Pearson Education, 02-08.
- Nipper, S. (1989). Third generation distance learning and computer conferencing. In Mason, R. e Kaye, A. (Eds) – *Mindweave: communication, computers and distance education*. Oxford: Pergamon Press, 62-73
- Santos, J. R. (2010). *A utilização da plataforma Moodle numa escola básica: realidade ou ficção na inserção das TIC em sala de aula*. Tese de Mestrado em Supervisão Pedagógica. Universidade Aberta.
- Selwyn, N. (2008). O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. *Educação & Sociedade*, Vol. 29, n.º 104-Especial, 815-850.
- Tori, R. (2010). *Educação sem distância: As tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora Senac.